



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do 11º Congresso Nacional do PCdoB – Brasília-DF,
20 de outubro de 2005**

Meus queridos companheiros e companheiras do PCdoB,
Delegados deste 11º Encontro, não-delegados e não-delegadas
também,

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Senhores embaixadores estrangeiros acreditados junto ao meu governo,
Meu caro amigo Renan Calheiros, presidente do Senado,
Meu caro amigo Aldo Rebelo, presidente da Câmara dos Deputados,
Minha querida companheira Marisa,

Companheiros ministros e ministra Dilma Rousseff, da Casa Civil;
Agnelo Queiroz, do Esporte; Ciro Gomes, da Integração Nacional; Luiz Dulci,
da Secretaria-Geral da Presidência da República; Nilcéa Freire, da Secretaria
Especial de Políticas para as Mulheres,

Meu caro companheiro Renato Rabelo, presidente do PCdoB,

Meu querido companheiro Roberto Amaral, presidente em exercício do
Partido Socialista Brasileiro,

Senador Aloizio Mercadante, representando o Partido dos Trabalhadores
na mesa,

Senhoras e senhores senadores que estão no plenário, inclusive quero
saudar o primeiro senador do PCdoB,

Nossos queridos companheiros e companheiras deputados federais,
deputados estaduais,

Prefeitos aqui presentes – eu, pelo menos, vi quatro prefeitos aqui. Eu vi
dois, vi um governador, que é o Jorge Viana, do Acre; o prefeito Marcelo Déda,



de Aracaju, que tem como vice o Edvaldo, do PCdoB; o João Paulo, que tem como vice o Luciano; a Luciana, que tem como vice um companheiro do PT; o Newton, de São Carlos, que está aqui. Não sei se tem mais, se tiver mais, façam de conta que eu citei o nome de vocês porque, também, ninguém me passou o nome dos prefeitos e das prefeitas aqui presentes.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Eu penso que é importante, também, saudar aqui o novo figurão importante do PCdoB, o Aroldo Lima, que foi indicado para a Agência Nacional de Petróleo,

Meu querido companheiro Peta. Eu deixei o Peta, você não estava por último, Peta, eu deixei você por último porque eu acho que como o Peta falou como representante do Movimento Social do PCdoB, eu penso que é importante, antes de eu dizer o que eu quero para os delegados e para a direção do PCdoB, dizer que o Peta, particularmente, em nome da UNE, em nome do PCdoB, tem participado de algumas coisas muito interessantes.

É verdade que, em 1962, os estudantes da UNE gritavam: “Ensino público e gratuito”. Mas é verdade, também, que quando nós tomamos posse, num estado importante como São Paulo, 80% dos estudantes universitários estavam na escola privada e a média nacional chegava a quase 68% dos estudantes brasileiros em escolas privadas. E todos nós sabemos que não fizemos uma revolução no Brasil, viu Cervantes, apenas ganhamos uma eleição, numa correlação de forças extremamente eficaz do ponto de vista do eleitor brasileiro, mas uma correlação de forças mais apertada, do ponto de vista das instâncias congressuais deste país.

É importante ter essas coisas claras, porque nós somos um país em que temos um regime presidencialista, votado num plebiscito, e temos uma Constituição muito parlamentarista. E isso, na conjunção de esforços que temos que fazer para estabelecer essa correlação de forças, o Aloizio Mercadante, o Aldo, o Arlindo Chinaglia e o Renan sabem do trabalho que têm



que fazer a cada dia, a cada hora, para construir as maiorias necessárias para que a gente consiga votar as coisas no Brasil.

E aí entra a participação do movimento social, que eu considero extremamente importante. É verdade que nós estamos longe de construir os sonhos que acalentamos durante anos, décadas. Mas é verdade, também, que a política é medida não apenas pelo desejo, mas pelo espaço de tempo em que a gente mede se é possível ou não fazer as coisas. É como pular na água para nadar. Ou você está preparado para atravessar, ou você não entra na água, ou você corre o risco de morrer afogado. Acho que nós conseguimos avançar muito, talvez nem tanto quanto alguns gostariam, mas também nem tão pouco como alguns adversários gostariam.

Na questão da educação, nós temos a proposta da reforma universitária, que não é uma proposta do governo. O Peta sabe, estava num encontro com mais de 200 representantes de todas as instituições, quando eu fiz questão de dizer que o projeto de reforma universitária era um projeto da sociedade civil, em que o papel do governo era encaminhar ao Congresso Nacional, e ainda pedir para a sociedade civil, representada naquele encontro por 54 reitores, UNE e mais outras dezenas de entidades representativas de funcionários. Eu pedi para que fôssemos ao Congresso Nacional conversar com cada bancada para que as pessoas entendessem que não era um desejo meu.

Eu me lembro que eu até disse, na reunião: “eu não sou estudante, eu não sou funcionário, eu não sou professor, por que eu estava querendo a reforma universitária se vocês, que são, não querem assumir?” Assumiram a reforma universitária, como assumiram também, coletivamente, a proposta do Fundeb, que é uma pequena revolução na educação brasileira e, para isso, nós precisamos sensibilizar o Congresso Nacional que, se votar este ano, começa no ano que vem, se não votar este ano, nós vamos começar apenas em 2007. E não é um trabalho de um deputado convencer o outro. Isso é muito importante, fazer um trabalho em que a sociedade convença os deputados e os



senadores de que é importante o Fundeb ser votado este ano, porque é um marco na educação brasileira.

Mas não é apenas isso, o companheiro Peta está acompanhando e sabe que o que nós estamos fazendo na educação é muita coisa. Nós decidimos fazer quatro universidades federais novas, uma na Bahia, em homenagem a (inaudível), uma no Paraná, que é a primeira Universidade Tecnológica, uma em Dourados, no Mato Grosso do Sul, e outra universidade no ABC Paulista, que não tinha universidade federal. Mas, além disso, nós aprovamos 32 novos campi. Serão extensões das universidades federais brasileiras nas cidades do interior deste país. Por exemplo, quem é mineiro aqui, nós vamos levar uma extensão da universidade federal para o Vale do Mucuri, em Teófilo Otoni, e vamos levar outra para Araçáí, no Vale do Jequitinhonha, além de outras regiões do país, como já inauguramos a de Garanhuns. E vamos levar, em homenagem ao Aldo, acho que para Palmeiras dos Índios, Arapiraca. E por que estamos fazendo isso? Porque hoje, no Brasil, o estudante que quiser estudar numa escola pública tem que ir à capital, porque as universidades não foram pensadas para o interior. E nós temos consciência de que, levando as universidades para o interior, a gente vai gerar desenvolvimento nas cidades pobres do nosso país.

Mas além das quatro novas e das 32 extensões, nós vamos fazer mais com o compromisso de 32 escolas técnicas no Brasil, para as regiões mais necessitadas do país. Apenas para mostrar alguma coisa na área da educação, além de mostrar que foi preciso contratar, e fizemos um concurso para contratar seis mil novos professores que tinham sido mandados embora por conta das aposentadorias, pediram para se aposentar e não tinha tido reposição. E além disso, uma coisa importante que nós achamos que é preciso fazer com a educação brasileira, é apostar de forma muito forte na questão do ensino fundamental. E a molecada está precisando de uma chance.

Não sei se todos os companheiros do PCdoB sabem, no Brasil nós



tínhamos a Olimpíada da Matemática feita pelas escolas particulares, ao todo participavam 200 e poucas mil pessoas. No ano passado, nós tomamos a decisão de fazer a Olimpíada da Matemática na escola pública. Muita gente achou que seria um fracasso, que criança pobre não iria se inscrever na Olimpíada. Sabem quantas crianças se inscreveram? 11 milhões de crianças, dois milhões a mais que nos Estados Unidos, que têm nove milhões e era considerada a maior quantidade de estudantes numa Olimpíada. Se a coisa der certo, nós poderemos criar a Olimpíada de Geografia, a Olimpíada de História, ou seja, poderemos motivar a nossa meninada a ter mais prazer de ir para a escola.

Eu estou dizendo essas coisas de educação apenas para fazer justiça ao trabalho que os companheiros da UNE, do PCdoB, do PT, do PSB tiveram de enfrentamento, de convencimento de pessoas que, ao mesmo tempo que defendem o ensino público e gratuito, não movem uma palha para criar uma vaga a mais numa escola pública. E todo mundo aqui sabe de brigas homéricas que a gente tem para que a gente consiga ocupar mais vagas nas escolas federais e que, muitas vezes, o vício corporativo não aceita.

Então, é uma luta constante, eu acho que nessa área os avanços são excepcionais. Eu acho que muito mais coisas vão acontecer na área da educação porque, na minha opinião e, certamente, na opinião de vocês, não tem, na história da Humanidade, nenhum país que conseguiu se desenvolver sem que antes apostasse na educação.

Então, como não vim aqui para falar mal de ninguém, vim aqui para falar bem do PCdoB, eu queria dizer para vocês o seguinte: o PCdoB tem sido o partido que tem demonstrado a mais extraordinária lealdade na sua relação com o governo, na sua relação com o PT mas, sobretudo, na sua relação comigo. Eu só tive problemas com o PCdoB uma vez na vida, lá pelos idos de 83, o Batista está aqui no meio, eu nem sabia que ele era do PCdoB, achava que era só da AP. Mas aquele episódio, em nenhum momento, criou qualquer



constrangimento na relação futura com o PCdoB. E quero dizer para vocês que eu fico extremamente feliz, primeiro, de ter tido o companheiro Aldo como líder do governo, depois de ter tido o companheiro Aldo como articulador político e, agora, ver os deputados elegerem o Aldo presidente da Câmara. Eu acho que a Câmara estava precisando disso, e eu acho que o Aldo vai fazer bem para a Câmara na sua gestão. Ele só tem que rir um pouquinho mais porque, até para contar piada ele fica sério. Quero dizer para vocês da grata alegria que o PCdoB me deu, indicando o companheiro Agnelo Queiroz para ministro do Esporte. Ele não sabe jogar bola, mas tem feito pelo esporte o que muita gente, especialista em futebol e outros esportes, não conseguiu fazer. Eu chego a dizer, nos debates públicos que, mesmo tendo passado grandes personalidades do esporte pelo governo, eu duvido que no Brasil, em algum momento, algum ministro de esporte tenha feito o que Agnelo Queiroz fez nesses 34 meses de governo.

Quero dizer para vocês que tanto no PCdoB, como no PT, no PSB, em todos os Ps da vida, você tem companheiros que em uma trajetória de 30 degraus consegue subir 29 e pára, cansa, ou sobe apenas três ou quatro e, no meio do caminho, essas coisas vão acontecendo, companheiros vão deixando os partidos, vão saindo. Essas coisas têm que ser encaradas com uma certa naturalidade. E aí eu quero também elogiar o companheiro Renato Rabelo pela demonstração de lealdade, de compromisso e de firmeza, não nos momentos bons, porque é muito fácil a gente ser companheiro nos momentos bons. Agora, duro é a gente ter que ser companheiro em momentos adversos, quando você está precisando de alguém para te estender a mão e essa pessoa sabe que, mesmo tendo divergências internas no partido, nunca faltou o estender de mão do companheiro Renato Rabelo na nossa relação entre governo e PCdoB, entre o Presidente e o Presidente de um partido político.

De forma que eu sou grato aos companheiros do PCdoB pelo que fazem pelo Brasil, pelo que fazem na Câmara, pelo que fazem no movimento sindical



e no movimento estudantil. A parte dos elogios ao PCdoB é pouco, diante da relação que nós temos. Eu dizia ao Aldo, outro dia, que eu aprendi a conviver com o João Amazonas na campanha de 1989 e houve um momento difícil, houve um momento em que eu estava tão baixo na pesquisa, que eu fiquei com medo de dever para o Ibope, sabe, um candidato menos 02. Eu estava angustiado, a gente estava, eu não sei se no Largo da Batata, lá em Pinheiros, em alguma coisa, eu dizia para o João Amazonas, “olha, João, eu estou quase pensando em parar porque eu vou sair devendo tanto, que vou ter que ser candidato mais umas dez vezes para que a gente possa pagar a dívida de eleitores”. E João me dizia: “companheiro, nós vamos ganhar esta eleição. Agora, nós temos que definir o seguinte, nós temos que escolher o nosso público. O teu público, Lula, é a classe operária brasileira. Fala para eles.”

Bem, o dado concreto é que nós fizemos a mais bela página de campanha eleitoral da história deste país. E depois, nas conversas que eu tinha, muitas reuniões com o João Amazonas, doutor Arraes, doutor Brizola, aquelas reuniões complicadas – porque quando tem muitos líderes importantes as reuniões ficam complicadas e ali sempre tem uns que falam mais, outros falam menos – e a voz da ponderação era a do companheiro João Amazonas. Eu digo isso há muito tempo para os companheiros do PCdoB, quando a coisa estava para pegar fogo aparecia o João Amazonas com aquela voz dele, tranquilo, e foi a primeira pessoa que me convenceu de que em política a gente não realiza apenas o desejo que a gente tem, a gente realiza aquilo que é possível realizar. Por isso, ele mostrava a necessidade das alianças políticas, a necessidade de ter aliados junto a setores empresariais nacionalistas. E foi isso que nos possibilitou ganhar as eleições. Todo mundo aqui, do PCdoB, sabe o papel extraordinário que teve o José Alencar na minha campanha, todo mundo sabe.

Pois bem, agora já estamos há 33 meses no governo, 34 meses, e eu queria dizer para vocês, alguns companheiros já sabem: é muito mais fácil ser



oposição do que governar. Eu fui oposição com 16 deputados na Constituinte, o Aroldo Lima e o Aldo Arantes estavam comigo, como deputados. Nós éramos quantos? Uns 30 ali, mas a gente fazia um barulho, que parecia que a gente tinha 200. O Aroldo Lima, uma vez, até subiu no palanque e saiu com o microfone agarrado no peito. Agora, quando você está no governo, você muda duas palavras-chaves. Quando a gente é oposição, a gente fala: eu acredito, eu penso, eu acho. Quando você é governo, ou você faz ou não faz, ou você pode ou não pode. Você não pode dizer: eu acho que eu posso fazer isso, eu acho que eu posso fazer aquilo. Não. Ou você faz ou não faz.

Os embaixadores estrangeiros que estão aqui, que têm experiência de governo, sabem do que eu estou falando. Estou dizendo isso porque acho que nesses três anos nós fizemos o que alguns estudiosos imaginavam que fosse levar dez anos. Aliás, alguns nem imaginavam, alguns imaginavam que com seis meses o Brasil teria acabado, que nós não íamos conseguir fazer nada, que não ia dar certo, que ia ser um desastre total e que, portanto, acabava.

Pois bem, eu vou começar falando de uma coisa da relação com a nossa política externa, porque muita gente acha que é fácil. Muita gente acha que é fácil estabelecer relações entre países, entre governos. Nós tomamos como decisão o quê? Tomamos como decisão o seguinte: se quisermos estabelecer uma nova correlação de forças, e vocês sabem que eu dizia: é possível criar uma nova geografia comercial no mundo e, junto com essa nova geografia comercial, pode ter uma nova geografia econômica, pode ter uma nova geografia política. E eu dizia isso porque trazia as lembranças que eu tinha do movimento sindical, de que era preciso a gente juntar forças para construir essa maioria. E qual foi o primeiro embate que eu tive? Com menos de 30 dias de governo, foi a questão da Venezuela. Toda vez que eu acho que a imprensa está exagerando aqui no Brasil, eu me lembro o que a imprensa fazia com o Chávez.

Eu fui dois dias à Venezuela e fiquei horrorizado de ver o que a



imprensa fazia com o Chávez. Até em propaganda de colchão eles encontravam formas de colocar adjetivos contra o Chávez. E todo mundo sabe o que aconteceu na Venezuela, todo mundo sabe o papel importante que o Brasil exerceu para que a gente pudesse consolidar a Venezuela e o presidente Chávez como presidente democraticamente eleito. Eu posso até contar segredos, aqui, agora.

Eu me lembro da reunião de Quito, na posse do Gutiérrez. Nós tivemos uma reunião com o Chávez e eu propus a ele que era preciso criar um Grupo de Amigos. E o Chávez concordou. Ele tinha que ir para Nova Iorque e viajou. Quando deu, mais ou menos, uma meia-noite, o Fidel me telefona, estava no mesmo andar, queria conversar comigo. O Fidel estava preocupado porque no Grupo de Amigos nós tínhamos proposto Estados Unidos e Espanha. Os Estados Unidos, porque eram a causa da briga e, a Espanha, porque tinha sido o primeiro país a reconhecer, através do presidente José Maria Aznar, o golpe dado na Venezuela.

O Fidel achava que era um absurdo ter colocado os Estados Unidos e a Espanha. Eu dizia, “Fidel, nós não estamos querendo criar, aqui, um Grupo de Amigos do Chávez. É um grupo de amigos da Venezuela, e nós temos que ter gente nesse grupo que seja da confiança da oposição porque se for só do nosso lado, não vale, é preciso criar essa combinação.” Chávez estava em Nova Iorque, eu liguei para o Chávez a uma hora da manhã. Voltei para o Brasil e ele veio para o Brasil, ficamos na Granja do Torto até quase uma hora da tarde conversando com o Chávez e mostrando a necessidade da viabilidade. Até que eu falei: “Chávez, vai dar certo, pode ter certeza de que vai dar certo”. Foi um parto muito difícil. Acertamos o Grupo de Amigos, todo mundo acompanhou pela imprensa o que aconteceu, era muita coisa, muita futrica, muito veneno e, muitas vezes, o Chávez querendo reagir e a gente pedindo para ele ter tranqüilidade. No final, até a Fundação Jimmy Carter terminou ajudando, para que nós consolidássemos o processo do referendo. A



gente tinha tanta certeza de que o Chávez ganharia, que era preciso garantir que houvesse o referendo, para que não ficasse sob suspeição de que era um anti-democrático, que não queria a eleição.

Depois disso, todo mundo sabe as divergências históricas entre Brasil e Argentina. Em política, é tudo um processo de estabelecer confiança, de mostrar que você não quer ter hegemonia, que você quer ter parceria. Nós tivemos uma combinação de fatores muito importantes, que combinou com a eleição de gente importante, a eleição de Kirchner, de Tabaré, foram coisas importantes aqui na região. E nós, então, recuperamos o Mercosul, que estava falido, fizemos uma coisa que todo mundo achava que era impossível fazer, e isso me obrigou a viajar, em 12 meses, a todos os países da América do Sul, todos os países viajaram para cá, tivemos duas reuniões, uma em cada país e, agora, faz pouco tempo, nós consolidamos uma coisa chamada Comunidade Sul-americana de Nações. A Comunidade Andina já é sócia do Mercosul, a Venezuela já é associada definitiva do Mercosul, e nós, agora, estamos espalhando para a América Central, para estabelecer com a América Central e com o Caribe a mesma relação. Por quê? Porque nós, na América Latina, fazíamos o discurso da integração com muita facilidade. É preciso ter integração. Integração, no discurso, acaba quando termina o comício. A integração concreta é a integração física: vai ter estrada para transportar produtos e gente, vai ter telecomunicações, vai ter energia elétrica, vai ter hidrovias, isso é o que conta, verdadeiramente.

E agora, se Deus quiser, quando terminar este ano, o Brasil estará, através do Proex ou do BNDES, financiando exportação, financiando os produtos brasileiros, pelo menos um em cada país da América do Sul, fazendo uma estrada, uma ponte, uma hidrelétrica, porque se não fizermos isso, não haverá integração. Só depois que nós consolidamos a América do Sul, nós resolvemos estreitar a nossa relação com a África. Os companheiros do PCdoB sabem que, durante muito e muito tempo, os governantes brasileiros olhavam



assim para a Europa, por cima, para não ver o mapa da África. Empinavam o nariz, assim, ou ora olhavam para os Estados Unidos. E nós achamos que era necessário recuperar a nossa relação com a África.

Nesses três anos, eu já visitei mais a África do que todos os presidentes da República na história do Brasil. Visitei a África, não apenas porque nós queremos estabelecer uma política comercial mas, sobretudo visitei a África para que a gente dê uma demonstração aos africanos de que nós temos uma dívida histórica com eles, não apenas nós. Nós temos uma dívida histórica com eles e precisamos começar a criar as condições para que essa dívida comece a ser paga, na medida em que a gente possa fazer ajuda para combater a Aids, para produzir etanol, para produzir biodiesel, em várias áreas em que o Brasil pode ajudá-los. E é uma dívida porque muita gente, de vez em quando, pensa que a África é pobre porque é negra. Na verdade, a África paga o preço de, durante 300 anos, ter sido tirada de lá a parte mais saudável da sociedade, a parte mais jovem e transformá-la em escrava no Brasil, em Cuba, nos Estados Unidos e em tantos outros países.

No ano que vem, visitarei mais quatro ou cinco países africanos, que é para dizer: olha, vamos recuperar o tempo perdido. Nós, nem sempre poderemos fazer tudo que gostaríamos de fazer, mas estejam certos de que o Brasil sempre será uma janela.

Depois da África, nós fomos ao Oriente Médio. O que parecia impossível, fizemos aqui uma grande reunião, uma grande cúpula entre o Oriente Médio, os países árabes e os países da América do Sul. Agora, já estamos articulando uma grande reunião na Nigéria entre os países africanos, América do Sul e América Latina. Pois bem, dessa coisa toda surgiu o G-20. Quem sabe perfeitamente bem, o G-20 surgiu em Cancun. Para não citar todos os países, mas os grandes países, China, que está aqui, Índia, Brasil, África do Sul e outros países, Argentina, nós criamos o G-20. O G-20, hoje, é uma espécie de referência nas discussões na Organização Mundial do Comércio. E



passou a ser uma referência porque nós não precisamos brigar com os Estados Unidos nem com a Europa, até porque são parceiros importantes nossos. O que nós estamos dizendo, China, Índia, Brasil, México e tantos outros países? O que nós estamos dizendo? Nós queremos apenas igualdade, nós queremos apenas o fim dos subsídios agrícolas, nós queremos apenas o direito de os países mais pobres poderem colocar os seus produtos no mercado europeu, nos Estados Unidos. Foi por isso que entramos na OMC contra o algodão, contra o açúcar, e ganhamos. E isso não ajuda apenas o Brasil, ajuda, sobretudo os países mais pobres da África.

Bem, estabelecemos uma parceria estratégica, depois, chamada Ibas: Brasil, África do Sul e Índia. Finalmente, eu visitei o último país grande que eu precisava visitar para consolidar a nossa aliança, a Rússia, de onde eu voltei essa semana. E quero dizer para vocês que voltei extremamente satisfeito com a conversa que tive com o presidente Putin.

O que aconteceu, de fato, depois de todo esse processo? O mundo começou a compreender que era preciso começar a mudar. Hoje, nós temos muitos países que estão dispostos a fazer mudanças na política de subsídios. Países da Europa, que antes pareciam intransponíveis, estão certos de que vão fazer. Os Estados Unidos já querem fazer. E por que querem fazer? Não é pelos belos olhos do Hu Jintao ou pelos belos olhos do Lula. É porque, na verdade, os países que se juntaram representam quase quatro bilhões de habitantes, portanto, representam mais da metade da população mundial e estão pensando juntos sobre muitas coisas. Temos divergências no Conselho de Segurança da ONU, nós estamos com divergências com a China, mas tudo bem, isso não mexerá na nossa aliança estratégica. Agora, o que nós não aceitamos é a ONU ser dirigida da mesma forma pela qual foi criada em 1945. O mundo mudou, a geografia não é mais a mesma e, portanto, é preciso incluir outros países: da África, da América Latina e de outros países. Bom, vamos ver se ganhamos. Se não ganharmos, pelo menos disputamos com muita



galhardia.

Eu acho que essa política externa tem dado a nós a oportunidade de consolidar uma aliança que, acho, ainda vai produzir frutos extraordinários.

Eu digo sempre o seguinte: respeito é bom, eu gosto de dar e gosto de receber. Não sou mais importante do que ninguém, e ainda tenho um defeito, não falo inglês, nem francês. Mas eu acho que o que vale na relação internacional é a definição de tipo de soberania que você quer para o seu país, é a definição de tipo do caráter dos governantes e, disso, nós não abrimos mão. E a coisa vai evoluindo. Olha, tem tantas divergências por aí. Agora, em Salamanca, conseguimos aprovar um documento que condena um bloqueio à Cuba. Pensa que é fácil tirar um documento desses? Vocês sabem quantas horas de reunião, quantas conversas, para você conseguir colocar uma palavra? E, de vez em quando, ainda tiram. Então, eu acho que nós avançamos muito, muito. Eu diria que nós avançamos alguns anos em três anos, em se tratando de política externa.

Lamentavelmente, aqui no Brasil, de vez em quando a gente recebe críticas. Se você fizer uma comparação entre os artigos da imprensa internacional de qualquer país e a brasileira sobre política externa, vai perceber a diferença de tratamento. Isso porque, no Brasil, ainda temos uma parte de gente com a cabeça colonizada. Só é bom aquilo que é bom para os americanos, ou só é bom aquilo que é bom para a Europa. Olha, se é bom para a Europa, se é bom para os Estados Unidos, ótimo, vamos ver se é bom, vamos pegar para nós. Agora, tem outra gente no mundo, e nós estamos construindo isso, discutindo similaridades. O que é que um país pode fazer, em que a gente pode ajudar? O Brasil pode ajudar muitos países pequenos na questão do etanol, já que o petróleo está quase impagável e a Petrobras está atingindo sua auto-suficiência agora.

Mas não vai baixar o preço do petróleo, eu não acredito que ele volte aos preços anteriores. Portanto, nós temos que começar a preparar o mundo.



E os países menores têm no etanol e no biodiesel uma grande fonte de energia renovável, geradora de empregos. Eu fui, agora, a Floriano inaugurar uma fábrica de biodiesel e, para cada trabalhador da fábrica, são mil trabalhadores no campo. Então, a possibilidade é enorme, eu acho que nós estamos consolidando. Mesmo assim, eu acho que a gente precisa fazer muito, porque o jogo é pesado. Não pensem que o jogo é fácil, e isso mereceu muitas críticas, todo mundo sabe o tanto que eu fui criticado porque viajo. Tenho vários títulos de doutor *honoris causa* para receber e não recebi nenhum, porque só vou receber depois que eu deixar de ser Presidente, para saber se as pessoas queriam me dar porque eu mereço ou porque eu era Presidente da República. Então, quando terminar o meu mandato, eu vou atrás.

Bem, e aqui no Brasil? Aqui no Brasil, eu digo sempre o seguinte, ou nós assumimos a responsabilidade de transformar em conquista nossa as coisas que nós já conquistamos, ou a direita vai transformar as nossas conquistas em conquistas deles, e nós vamos ficar sem saber o que falar. Porque de vez em quando nós precisamos encontrar alguma coisa para ser oposição. E aí vale qualquer palavra, vale dogma.

Eu vou dizer para vocês um negócio: a gente poderia estar crescendo 10%, 8%, estamos crescendo 4%. A gente poderia estar com o juro mais baixo, e, aqui, é unanimidade. Agora, vamos ver o que está acontecendo na economia brasileira. Os economistas do PCdoB podem prestar um serviço enorme ao governo. Podem analisar do tempo de Juscelino, ou podem pegar para trás, se houve algum momento na história do Brasil em que houve uma combinação de fatores, todos, caminhando para coisas muito positivas. Eu vou enumerar algumas para vocês: crescimento econômico, crescimento nas exportações, crescimento na balança comercial, crescimento no nosso saldo comercial, crescimento da poupança interna, crescimento do crédito popular, crescimento do crédito da agricultura familiar, crescimento da produção industrial, crescimento da massa salarial. Vou provocar os sindicalistas do



PCdoB, eu vi alguns aqui. Nos últimos 20 anos – e eu fui um bom dirigente sindical neste país – durante 20 anos, na grande maioria das vezes nós fizemos movimentos e voltamos a trabalhar sem nada. E o mais forte de tudo isso foi a greve de 1980 porque, depois de 41 dias de greve, nós voltamos a trabalhar sem absolutamente nada. Perdemos férias, décimo terceiro, dias, porque na área particular não tem a moleza do setor público, não, perdeu um dia, perde logo o domingo que é para a gente, quando decidir fazer greve, decidir com responsabilidade.

Pois bem, este ano, 85% dos acordos feitos pelo movimento sindical, ou foram igual ou acima da inflação, coisa que antes era privilégio apenas de duas ou três categorias. Mesmo as mais fortes, como a dos bancários e a dos metalúrgicos, passaram muitos anos sem receber reajuste de salário, muitos anos fazendo acordos abaixo do nível da inflação. Este ano, 85% dos acordos foram igual ou acima da inflação e algumas categorias já negociaram os três anos futuros. Se a gente não assume isso enquanto conquista do movimento, efetivamente, nós corremos o risco de ver outras pessoas assumirem isso.

Uma outra coisa importante, o que está caindo, na verdade? A inflação está caindo, a cesta básica está caindo. Imaginem em que momento nós vivemos isso, no Brasil. Vocês vão ter tempo de debater aqui e eu gostaria que vocês debatessem em que momento a gente viveu um conjunto de coisas combinadas como essas.

Pois bem, companheiros, obviamente que alguém que mora numa capital e, muitas vezes, faz a avaliação do governo pelas manchetes dos jornais, nem sempre tem a informação correta. E, possivelmente, nós dos partidos: PT, PSB, PCdoB e o próprio governo, tenhamos errado na forma de comunicação com a sociedade. Mas os adversários não erram, os adversários sabem perfeitamente bem que não pode continuar assim. Já é demais. Além de ganhar as eleições, vai dar certo. Aí já é demais! Não pode! Tem que dar errado, para justificar a volta deles. É assim, é só pegar a história do que



aconteceu em vários países do mundo.

Eu estou convencido de que em algum momento nós vamos participar de uma plenária como essa, em que a gente possa fazer prestação de contas, porque eu já vi jornais dizendo que eu sou candidato, outros dizendo que eu não sou candidato. Eu nunca disse, nem à minha mulher, se sou ou não sou candidato, nunca disse. Mas, de vez em quando, eu vejo manchetes: “Lula diz que é candidato, Lula disse não sei das quantas.” Nunca disse nem para d. Marisa, nunca disse a nenhum companheiro que milita comigo diariamente, nem ao companheiro José Alencar, que discute política sistematicamente, nunca disse. E tem o momento certo em que eu vou dizer, até porque, como da outra vez, se eu tiver que ser, eu não serei candidato porque eu quero, alguém tem que querer que eu seja candidato.

E hoje, para alguém querer que eu seja candidato, eu tenho que provar que valeu a pena me eleger pela primeira vez. Tenho muita consciência do que vai acontecer no Brasil daqui para a frente, vai ter muito mais coisas. Então, eu acho que nós temos clareza, cada vez que a gente tiver que fazer uma análise, uma análise entre nós, aqui, para sempre medir o seguinte: qual é a correlação de forças que nós temos para fazer tal coisa? Podemos ou não podemos? Vamos conquistar aliados ou não vamos? Eu gostaria de ter uma aliança política com três ou quatro partidos. Agora, é preciso saber que aliança política é como casamento, se eles querem fazer ou não.

Então, companheiros, eu quero terminar dizendo para vocês que eu tenho a nítida e exata noção do papel histórico que nós estamos cumprindo, eu tenho a nítida e a exata noção do que pensa muita gente no mundo, do significado do nosso governo, eu tenho noção do que representa o nosso sucesso, do que representa o nosso fracasso. Uma coisa eu vou dizer para vocês, meus companheiros: podem ficar certos que em algum momento do ano que vem, nós, a direção dos partidos políticos, nós vamos sentar, fazer uma avaliação, e vamos decidir o que fazer. Não será nunca, nem um discurso e



nem uma ameaça dos conservadores deste país que me farão tomar uma decisão. A minha decisão será tomada pela minha consciência e pela consciência dos meus aliados que, junto comigo, percorreram esse difícil caminho para chegar aqui. Tem muita gente que vai dizer: “ah! mas não mudou nada”.

Olha este Congresso do PCdoB? Quem já imaginou o PCdoB fazendo um congresso na Academia de Tênis? Sabe o que é isso? É que hoje vocês não são mais um partidinho, vocês se transformaram em um Partido. Não em um partidão, em um partido grande. Hoje, quando vocês olham a mesa, o terceiro homem da República é do PCdoB. Tem gente que acha que não mudou. Olha, companheiros, para fazer tudo o que a gente quer, vai precisar de mais alguns mandatos.

Muito obrigado, boa sorte e felicidades ao PCdoB.